

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ESTUDO SOBRE ATITUDES DOS ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIENTE
EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Bolsista: Andréa Almeida Maciel, CNPq.

MANAUS, AM

2011

UNIVERSDADE FEDERAL DO AMAZOAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIBIC-H / 0032 / 2011
ESTUDO SOBRE ATITUDE DOS ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
EM AULAS REGULARES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Bolsista: Andréia Almeida Maciel, CNPq.

MANAUS, AM

2011

Todos os direitos desta pesquisa são revelados a Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da informação e aos autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos

Esta pesquisa, finalizada pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e se caracteriza como projetos de pesquisa Bibliotecas Digitais.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi o de analisar o estudo sobre as atitudes dos acadêmicos de educação física em relação à inclusão de alunos com deficiência em aulas regulares, ao qual foi desvelada nos acadêmicos da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, sua relação em ensinar deficientes as atividades de educação física. Para tanto, trinta alunos da UFAM, em relação aos que tinham cursado a disciplina de educação física adaptada 08 já haviam cursado, 10 que não haviam cursado a disciplina e 12 estavam cursando, foi realizado entrevistas semi-estruturada com esses acadêmicos. Para análise dos dados teve técnica de elaboração e análise de unidades de significado, desenvolvido por Moreira (2005) dentro de uma abordagem fenomenológica. No qual responderam a um questionário com a pretensão de identificar os valores presentes nas opiniões dos acadêmicos de educação física a sua atitude sobre a inclusão de pessoas com deficiência, que ate então se discutia apenas aulas teóricas e não praticas. Este questionário abordou três aspectos: o que é deficiência? Fale sobre a inclusão de pessoas com deficiência em aulas de educação física regular? Ensinar alunos com deficiência qual a sua opinião sobre isso? Os resultados indicaram que o conhecimento dos acadêmicos sobre a deficiência é algo pejorativo, pois os que apresentam um conhecimento científico da deficiência são aqueles que já cursaram a disciplina ou ainda estão cursando. Outros não acreditam que a inclusão aconteça nas aulas de educação física, e a maioria acredita ser importante a inclusão para os alunos com deficiência. No entanto muitos acreditam que para inclusão dar certo é imprescindível capacitação para quem for atuar e que as escolas sejam adequadas para o recebimento desses alunos. Também para alguns acadêmicos é impossível ensinar alunos com deficiência ou consideram ainda que não possuem vocação para tal função. Muitos também apontam que a falta de capacitação é um empecilho para o ensino de pessoas com deficiência. Contudo indicaram que para assegurarem a execução da inclusão, visto que em algum momento da sua vida profissional poderá se deparar com pessoas com deficiência é necessário capacitação, e é através da sua aceitação que poderão programar-las com sucesso.

Palavras-chave: Atitudes. Inclusão, Deficiência.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the study on the attitudes of physical education students regarding inclusion of students with disabilities in regular classes, which was unveiled in the academic Faculty of Physical Education and Physiotherapy, Federal University of Amazonas, their against the disabled in teaching physical education activities. To this end, thirty students UFAM, than those who had taken the course in adapted physical education had attended 08, 10 who had not taken the course and 12 were attending, was conducted semi-structured interviews with these students. For data analysis technique was created and analyzed for meaning units, developed by Moreira (2005) within a phenomenological approach. In which answered a questionnaire with the intention of identifying the values inherent in the opinions of academics of his attitude to physical education on the inclusion of disabled people, who by then was discussed only theoretical and not practical. This questionnaire included three aspects: what is disability? Talk about the inclusion of people with disabilities in regular physical education classes? Teaching students with disabilities what is your opinion about this? The results indicated that the knowledge of scholars on disability is something pejorative, because those with a scientific knowledge of disability are those who have studied the subject or are still studying. Others do not believe that the inclusion happen in physical education classes, and most believe in the importance of inclusion for students with disabilities. However many believe that for inclusion to work is essential training for those who will act and that schools are adequate for the reception of these students. Also for some scholars is impossible to teach students with disabilities or who are not even consider calling for such a function. Many also point out that the lack of training is a hindrance to the teaching of people with disabilities. However indicated that to ensure the implementation of inclusion, since at some point in their life may encounter people with disabilities need training, and it is through acceptance that may set them successfully.

Keywords: Attitudes. Inclusion, Disability.

“Um dia quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que lutaste” (Sigmund Freud).

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (Paulo Freire).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.	07
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	Erro! Indicador não definido.	09
OBJETIVO.....	Erro! Indicador não definido.	14
METODOLOGIA.....	Erro! Indicador não definido.	15
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO	Erro! Indicador não definido.	18
CONCLUSÃO.....	Erro! Indicador não definido.	23
AGRADECIMENTOS	Erro! Indicador não definido.	25
REFERÊNCIAS.....	Erro! Indicador não definido.	26
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.	29

1. INTRODUÇÃO

A Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas desenvolve um Programa de Atividades Motoras para Deficientes - PROAMDE, cujo objetivo é proporcionar o desenvolvimento das potencialidades motoras para essa clientela através de atividades de Educação Física. A filosofia do programa tem como parâmetro, priorizar as potencialidades do indivíduo ao invés das suas incapacidades. Embora o programa seja realizado na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da UFAM ainda percebe-se certa resistência por parte dos acadêmicos em atuar com essa clientela. Podemos inferir que na maioria das vezes a deficiência é vista a partir daquilo que a pessoa não pode fazer sendo este um fator determinante para a discriminação da mesma em qualquer área de atuação.

Sendo assim o essencial é que sempre existam programas como este que desenvolva atendimento exclusivamente para o deficiente e que proporcione o interesse dos acadêmicos em se especializar nesta área.

Este estudo surgiu da necessidade de compreender o contexto das atitudes dos acadêmicos de educação física em relação à inclusão de alunos com deficiência em aulas regulares de educação física. Ao qual foi desvelada, nos acadêmicos da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF) da UFAM, a sua concepção em definir a deficiência e em lidar com qual quer tipo de inclusão seja ela total ou irrestrita e o seu objetivo ou desejo em estudar melhor este assunto para então aplicá-la.

A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter à situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos às deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas – sempre se avalia o que o aluno aprendeu o que ele não sabe, mas raramente se analisam o que e como a escola ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, a evasão, a discriminação, a exclusão, enfim. (MANTOAN, Maria Teresa Eglér -2003).

A proposta inclusiva que o Governo Federal tem visado nos últimos anos, vem sendo muito discutida a respeito dos estabelecimentos do sistema regular de ensino. Porém as atividades de educação física para o deficiente era um assunto

pouco discutido nas escolas regulares. Os acadêmicos de educação física, que até então, antes de terem um envolvimento na área, não encaravam as crianças portadoras de deficiências como uma realidade em seu meio de trabalho ou de graduação, era algo muito distante para alguns, agora tendo em sua grade curricular, disciplina que possibilita a sua capacitação nas atividades adaptadas, para se profissionalizar nesta área, e terem a oportunidade de esclarecer qual quer duvida, conhecendo os direitos de cada um dos que irão desenvolver tudo o que estudaram, pois todos têm o direito de aprender.

É com base desse breve relato que iremos ressaltar a pesquisa realizada na Faculdade de educação física e fisioterapia, o grau das atitudes desses graduandos em relação a inclusão do deficiente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação preservou um capítulo exclusivo para a educação especial. De forma sintética, esse capítulo determina a necessidade de que os alunos da educação especial sejam atendidos nas classes regulares e que, apenas quando esse procedimento não for possível, sejam criadas classes para atendimento específico.

A legislação atual também definiu que todos os professores, de classes regulares ou especiais devem receber especialização adequada para lidar com todos os alunos, visando sempre que possível à integração em salas comuns.

No que diz respeito à discussão sobre a Educação Física Inclusiva, houve algumas melhoras na formação profissional nessa área nos últimos anos. De acordo com Cidade; Freitas (2002) apud Aguiar e Duarte (2005), em 1987 a Educação Física Adaptada surge oficialmente nos cursos de graduação por meio da Resolução número 03/87 do Conselho Federal de Educação, que prevê a atuação do professor de Educação Física com a pessoa com deficiência e outras necessidades especiais.

No entanto, para Carmo (2005) muito ainda precisa ser realizado, a nova tendência de inclusão tem deixado os profissionais confusos, quando são obrigados a trabalharem com diferentes habilidades, capacidades e comportamentos no mesmo espaço e tempo na escola. Afirma ainda que a maioria dos profissionais da área da Atividade Motora Adaptada não percebe que a “concepção de homem presente em seus discursos difere da presente nas suas práticas”.

Lopes (2007) afirma que mais que conhecimentos e experiências frente à pessoa com deficiência é preciso atitudes positivas, pois são as atitudes que levarão o professor a buscar formas de trabalhar de forma adequada com o aluno com deficiência ou não.

Segundo Omote (2004) o professor pode criar condições favoráveis para a aceitação do aluno com deficiência pelos colegas de classe, bem como favorecer o convívio cooperativo, solidário e produtivo na sala de aula. Há claras evidências de

que os professores favoráveis à inclusão de alunos com deficiência fazem mais uso de estratégias de ensino consideradas inclusivas, quando comparados aos menos favoráveis à inclusão.

É necessário fazer cursos de capacitação e se atualizar para desenvolver uma boa atividade, melhor dizer, tendo atitudes positiva.

Atitude positiva tem o objetivo de promover a descoberta de novas potencialidades aos docentes de educação física por meio desta pesquisa, e sua participação ativa, nas atividades de educação física, juntamente com seus alunos, é obrigatório. Esta condição não existia nos primeiros de graduação, aos acadêmicos que não realizaram a disciplina de atividades adaptadas, mas tornou-se imprescindível na medida em que os números de alunos. E sim aos que já realizou a disciplina de atividades adaptadas, junto com ele, a dificuldade dos professores de coordenar e avaliar o grupo. Desta forma, a atuação dos deficientes nas atividades se configura apenas para auxiliar como aluno para que ele tenha seu direito cumprido o de inclusão.

A capacidade de adaptação ao meio e a habilidade de sociabilização dos acadêmicos tornara-se mais fácil. Nesta perspectiva, fizemo-nos os seguintes questionamentos: o que é deficiência? Fale de inclusão de pessoas com deficiência em aulas de educação física regular? Ensinar alunos com deficiências qual sua opinião sobre isso?

Para seguir adiante os relatos desta pesquisa é necessário conceituar alguns paradigmas como: o que é atitude, O que é inclusão, o que é deficiência e a importância das aulas regulares de educação física. A partir destes questionamentos iremos para os resultados deste estudo.

Alves (2008) compreende atitude por uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a grupos, questões, outros seres humanos ou, mais especificamente, a acontecimentos ocorridos em nosso meio circundante. Trata-se de um dos conceitos fundamentais da psicologia social, por fazer a junção entre a opinião (comportamento mental e verbal) e a conduta (comportamento ativo), indicando o que interiormente estamos dispostos a fazer, ou seja, a predisposição que temos de reagir a estímulos de maneira positiva ou negativa.

Segundo Wanderey (1981) apud Silva (2003) a atitude indica predisposição apreendida pelo sujeito para responder conscientemente, e de maneira favorável ou desfavorável, com respeito a um objeto ou representação simbólica.

Para Ajzen e Fishbein (1980) a atitude é composta por afeto, crenças, intenções comportamentais e comportamento. No entanto, segundo Sherril (1993), não devem ser confundidas com opiniões, traços de personalidade, crenças, valores ou ideologias. A teoria de atitude é definida pela autora como um corpo de conhecimentos que examina como a pessoa pensa, sente e age em relação a determinados fenômenos. O comportamento é o reflexo da atitude, se uma pessoa tem uma atitude positiva sobre determinado assunto ela irá ter um comportamento favorável.

.Assim acredita-se que atitudes dos acadêmicos de Educação Física são essenciais para assegurar a execução de políticas de inclusão, visto que em algum momento da sua vida profissional poderá se deparar com pessoas com deficiência, e é através da sua aceitação que poderão programar-las com sucesso. Além disso, a partir dos resultados, poderemos acenar para possíveis propostas de intervenção que sejam coerentes com a percepção apresentada pelos sujeitos.

O comportamento refere-se ao conjunto organizado das operações selecionadas em função das informações recebidas do ambiente através do qual o indivíduo integra suas tendências. Ou seja, designa a mudança, o movimento ou reação de qualquer entidade ou sistema em relação a seu ambiente ou situação.

Como nos aponta BLOCK (1994), a inclusão é uma prática de educação para todos, ou seja, é colocar alunos com deficiência no ensino e em classes regulares. A inclusão não significa “despejar” estudantes com dificuldades para buscar soluções, uma vez que ainda existem falhas quanto à proposta de inclusão no sistema educacional de ensino.

A inclusão é conceitua por um processo em que a sociedade visa se adapta, realizando transformação para poder incluir, em seus sistema sociais, pessoas com necessidades estruturais ou funcionais da comunidade a que pertença, e a sociedade buscam juntas, discutir soluções e equiparar oportunidades para todos.

Promover a igualdade de chances para que todos possam desenvolver seus potenciais. No caso das pessoas com deficiência, devemos começar garantindo os

seus direito de acesso aos bens da sociedade seja na educação, saúde, trabalho, remuneração digna etc.

OMETE [...] conceituada deficiência de maneira diferente possuindo tendência que se destacam como algo já existem no meio social que caracteriza o seu organismo ou o seu comportamento e de um outro lado é definida por um objeto conceituado e baseado em áreas supostamente específica de comprometimento.

A deficiência é algo inerente presente organismo e/ou o seu comportamento do individuo como a delimitação na função ou estrutural de áreas com comprometimento.

Já na escola o ensino da Educação Física deve possibilitar a aprendizagem nas diversas dimensões de conhecimentos práticos no âmbito da atividade desenvolvida, contemplando dentre eles, o conhecimento na dimensão da postura, das crenças e os valores dos professores refletem diretamente na sua prática pedagógica (CURTNER SMITH; MEEK, 2000).

Em linhas gerais, a percepção dos acadêmicos sobre a inclusão de alunos com deficiência está relacionada, de certa forma, com seu processo de formação ou ao senso comum que permite compreender a necessidade de adaptação, ou seja, como os profissionais irão atuar em escolas regulares nas atividades adaptadas de educação física. Construirão não somente sua imagem sobre as crianças e adolescentes, como também sua atuação diante de diversas situações vivenciadas no dia-a-dia, a partir de valores e crenças historicamente constituídos.

A relação entre os professores e os alunos torna-se importante na sua mediada pelo trabalho conjunto entre hospital e escola é essencial para os contatos estabelecidos entre os acadêmicos, hospitalar possibilitarão as mediações necessárias para a construção do conhecimento, ou seja, para desenvolver atividades diferenciadas. De acordo com suas enunciações, essa relação contribuiu para a compreensão do processo de adaptação e de ensino-aprendizagem.

É preciso uma organização do trabalho em conjunto, a compreensão do cuidar do aluno com deficiência se faz relevante diante da importância das relações

estabelecidas entre o ambiente que se encontram para o desenvolvimento da criança (SOUZA & BOEMER, 2003).

Para Vigotski (1995), o desenvolvimento de uma criança diferente é único. Para atingir o mesmo nível de desenvolvimento de uma criança com desenvolvimento típico, a criança com deficiência percorre um caminho diferente, utilizando outros meios e as ferramentas mediacionais de forma diferenciada. Cabe aos profissionais da educação considerar as possibilidades singulares de cada criança, atentando para o que ela já conhece e o que pode fazer sozinha, seu nível de desenvolvimento real. Pois é o educador quem vai construir, em conjunto com seus alunos, as estratégias de compensação. Não se supera um problema sem tomar consciência dele; isso pode ser aplicado tanto para o aluno, quanto para o professor. À medida que os professores têm oportunidades de refletir sobre esse fato, podem transformar suas práticas pedagógicas pelo conhecimento, teoricamente, sem simplificar suas atitudes diante dos problemas encontrados (COLLARES, 1992).

É importante que o professor apresente uma formação teórica-prática, para a compreensão dos princípios que norteiam seus trabalhos e assim construir sua prática pedagógica, seja com pessoas com deficiência ou não, contudo é imprescindível que tenha atitude favorável para o atendimento de alunos com deficiência.

Acreditamos que mesmo com ausência de conhecimento em atuar com deficientes, ou o desejo de atender de forma adequada o aluno que precise de inclusão. Nesta pesquisa podemos analisar o professor que buscar o conhecimento necessário para favorecer uma educação apropriada, ao contrário dos que mesmo tendo de certa forma o conhecimento (experiência) eles tem o desejo de atuar com essa clientela, ou seja, apresentando uma atitude desfavorável, não desenvolverá ações adequadas.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Desvelar atitudes dos acadêmicos de Educação Física da UFAM em relação à ensinar alunos com deficiência em aulas de educação física.

3.2 Objetivos específicos

Averiguar o conhecimento dos acadêmicos de educação física sobre deficiência.

Verificar se os acadêmicos de educação física já tiveram alguma experiência com pessoas com deficiência.

4. METODOLOGIA

Este estudo apresentou uma abordagem qualitativa, em que à mesma buscou descrever significados que são socialmente construídos, e por isso é definida como subjetiva. Segundo Tanaka & Melo (2001) a pesquisa qualitativa tem características não estruturadas, é rica em contexto e enfatiza as interações.

A pesquisa qualitativa possibilita a visão do todo, analisando as várias questões do contexto pesquisado. Este método não se fecha em si; ao contrário, ele só é efetivo porque analisa todas as situações do meio pesquisado, considerando os momentos pessoais e em grupo, a estrutura dos movimentos, a influência no contexto estudado, etc.

Os sujeitos da pesquisa foram 30 alunos de educação física da Universidade Federal do Amazonas. A coleta de dados foi feita através de entrevista semi-estruturada com os acadêmicos de Educação Física e fisioterapia da UFAM. Essa abordagem com um modelo de perguntas selecionadas, adotando, porém uma flexibilidade na coleta de dados, Tais entrevistas gravadas em gravador digital mp4, transcritas e analisadas posteriormente.

Para análise dos dados foi necessária a utilização da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado desenvolvido por Moreira (2005) dentro de uma abordagem fenomenológica buscando identificar os valores presentes nas opiniões dos acadêmicos de educação física “pessoa com deficiência incluída em aulas de educação física”.

Esta técnica de pesquisa de abordagem qualitativa pode ser utilizada com rigor e de forma contextualizada, visando à compreensão e a interpretação dos relatos dos sujeitos da pesquisa, que emitem opiniões sobre determinado assunto, carregada por sua vez, de sentidos, significados e de valores.

A técnica foi dividida nos seguintes momentos:

- 1. Relato ingênuo** – Aplicação destas entrevistas sobre o tema buscando-se o entendimento do discurso dos sujeitos, obtido através de aplicação de questões geradoras a respeito da inclusão de alunos com deficiência em aulas de educação física regulares. As entrevistas foram gravadas. As perguntas feitas após explicação do motivo da pesquisa, dando aos sujeitos o tempo necessário para organizarem o pensamento antes da resposta.

2. Identificação das atitudes – de posse do relato, foi realizada uma leitura exaustiva das entrevistas visando não perder de vista o sentido geral do discurso do pesquisado. Selecionar as unidades mais significativas dos discursos dos sujeitos nós buscamos criar indicadores e, posteriormente, categorias que possam servir de referencial para a interpretação.

3. Interpretação – a partir do quadro geral, surgido a partir das idéias de cada sujeito montado e caracterizado pela identificação das unidades de significados, será feita a análise interpretativa do fenômeno buscando compreendê-lo em sua essência.

Os básicos que o autor nos dá para a realização de uma boa entrevista:

- a) Montar um roteiro das questões que conterão o tema-chave;
- b) Podem-se formar várias questões norteadoras, onde uma questão gerará varias outras perguntas;
- c) Evitar perguntas que contenham sim ou não;
- d) Utilizar perguntas que contenham: fale-me...; dê exemplos...; o que você pensa sobre...;
- e) As perguntas devem ser claras, simples e diretas, colocadas uma por vez e ser de fácil interpretação.

A entrevista, no entanto, pode começar por uma conversa banal, para quebrar o gelo inicial (BIRK, 2004, p.80).

Para a realização desta pesquisa ouve um estabelecimento das seguintes etapas:

- a. Identificação do universo da pesquisa.
- b. Critérios de Inclusão:
Acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas;
Aceitar participar da pesquisa.
- c. Critérios de exclusão:
Acadêmicos que desistirem de participar da pesquisa;
Acadêmicos que não assinarem o termo de livre esclarecimento.
2. Elaboração das questões geradoras
3. Aplicação de entrevistas piloto
4. Análise das entrevistas piloto para possível reestruturação da entrevista

5. Reestruturação das questões geradoras
6. Aplicação das entrevistas ao universo estabelecido
7. Análise dos Dados segundo a Técnica
 - a. Aplicação das entrevistas
 - b. Relato ingênuo
 - c. Identificação das unidades mais significativas para criar indicadores e, posteriormente, categorias.
 - d. Interpretação do fenômeno.
8. Discussão dos dados cotejados com a literatura referenciada.
9. A elaboração deste relatório como resultado da pesquisa.

5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISES E DISCUSSÃO.

Os sujeitos da pesquisa trinta acadêmicos de educação física da Universidade Federal do Amazonas em que 13 eram do gênero masculino e 17 do gênero feminino. Em relação aos que tinham cursado a disciplina de educação física adaptada 08 já haviam cursado, 10 que não haviam cursado a disciplina e 12 estavam cursando.

Analizamos as respostas dos acadêmicos em relação às três questões:

1 - O que é deficiência?

2 - Fale de inclusão de pessoas com deficiência em aulas de educação física regular?

3 - Ensinar alunos com deficiências qual sua opinião sobre isso?

Na primeira questão chegamos a duas categorias como no quadro a seguir:

Categoria	Explicação	Sujeitos
Deficiência como prejuízo.	Acadêmicos entendem a deficiência como uma incapacidade, desvantagem, falta, perda, anomalia, debilidade.	1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 19, 26, 28, 30.
Deficiência como característica.	Acadêmicos entendem a deficiência como uma condição e não está relacionada com limitações, de acordo com a organização mundial de saúde.	4, 7, 13, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29.

QUADRO 1.: Relatos sobre – “O que é deficiência?”

Os relatos dos acadêmicos durante as entrevistas permitiram compreender o conhecimento que estes possuem sobre a deficiência. Percebemos que a maioria possuem uma falta de informação a respeito do assunto, ainda entendem a deficiência como algo pejorativo.

A sociedade, segundo Buscaglia (1997) define a deficiência como uma incapacidade, algo indesejado e com limitações para quem a apresentam geralmente maiores do que as realmente existentes, já que é ela quem define os padrões de beleza e perfeição.

Segundo Glat (1995) o termo deficiente está relacionado com o status adquirido por um indivíduo. As pessoas com deficiência geralmente são vistas de

maneira estereotipada de acordo com o rótulo que lhe é imposto. Isto irá determinar os padrões de conduta dos outros ao interagirem com esta pessoa.

Identificamos também que os acadêmicos que possuem uma visão pejorativa da deficiência são aqueles que ainda não cursaram a disciplina de educação física adaptada ou ainda estão cursando, e os acadêmicos que apresentam um conhecimento científico da deficiência são aqueles que já cursaram a disciplina ou ainda estão cursando.

Na segunda questão sobre a inclusão de alunos com deficiência chegamos a cinco categorias como a seguir:

Categoria	Explicação	Sujeitos
Inclusão não acontece	Acadêmicos acreditam que a inclusão não acontece nas aulas de educação física	1, 7, 16, 17, 18.
Inclusão é necessário	Os acadêmicos consideram a inclusão importante é algo que deve acontecer	4, 5, 6, 8, 12, 13, 14, 15, 19, 22, 24, 26, 27, 29, 30
Inclusão e capacitação	Os acadêmicos acreditam que para a inclusão dar certo é necessária acessibilidade na escola e capacitação dos professores.	2, 3, 20, 23, 25, 28.
Contra a inclusão	Acadêmicos se posicionaram contra a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física	09, 11
Inclusão e atitude	Acadêmico acredita que se houver interesse e atitudes positivas em relação à inclusão por parte dos professores a inclusão dará certo.	21

QUADRO 2.: Relatos sobre – “Fale de inclusão de pessoas com deficiência em aulas de educação física regular?”

Muitos acadêmicos não acreditam que a inclusão aconteça nas aulas de educação física, e apesar de a maioria afirmar ser importante a inclusão para os alunos com deficiência muitos acreditam que para inclusão dar certo é imprescindível capacitação para quem for atuar e que as escolas sejam adequadas para o recebimento desses alunos.

Também apareceu por meio das análises acadêmicas claramente contra a inclusão, assim como claramente favorável à inclusão.

É importante observar que a capacitação profissional apresentará resultados positivos apenas se os posicionamentos e as atitudes dos professores frente à própria atuação profissional forem, primeiramente, revistos e compreendidos (GOMES e BARBOSA 2006).

Oliveira e Miranda (2007) constataram em sua pesquisa sobre inclusão de alunos deficientes mentais o desinteresse por parte do professores pela busca de novas informações nessa área e que os professores sentem-se desmotivados por complementar sua capacitação quer seja realizando cursos, quer seja pesquisando e lendo a bibliografia disponível na área.

No estudo de Beltrame e Ribeiro (2004) sobre atitudes de acadêmicos de educação física em relação inclusão de alunos com deficiência averiguou que a maioria dos acadêmicos de Educação Física apresentou atitude positiva adiante da inclusão; no entanto, constatou-se que estes acadêmicos têm pouco interesse, informação e experiência para atuar.

Dessa forma pode-se perceber que as atitudes dos sujeitos envolvidos no processo de inclusão podem constituir-se como adjuvantes ou obstáculos à educação inclusiva; podendo ser um fator decisivo para a efetivação deste processo.

Na terceira questão sobre ensinar alunos com deficiência chegamos a três categorias como mostra o quadro a seguir:

Categoria	Explicação	Sujeitos
Impossibilidade de ensinar	Acadêmicos consideram ensinar pessoas com deficiência difícil ou que não têm vocação para isso. E alguns acreditam que a falta de estrutura na escola e capacitação de professores impossibilita o ensino de alunos com deficiência.	1, 7, 16, 17, 18.
Desenvolvendo potencialidades	Os acadêmicos acreditam que os alunos com deficiência podem aprender e que ao ensinar alunos com deficiência é necessário visar suas potencialidades e não aquilo que ele não consegue realizar	2, 3, 20, 23, 25, 28.
Supervalorização da deficiência	Os acadêmicos dessa categoria apresentaram uma visão utópica a respeito do aluno com	09, 11

Percebemos por meio das análises que alguns acadêmicos acreditam ser impossível ensinarem alunos com deficiência ou consideram ainda que não possuam vocação para tal função. Muitos também apontam que a falta de capacitação é um empecilho para o ensino de pessoas com deficiência.

No entanto inferimos que tal percepção por parte dos acadêmicos está mais relacionada com as suas atitudes. Muitos autores indicam (PALLA, 2001; AVRAMIDIS e NORWICH, 2002; MARQUESINI et al, 2003; BELTRAME e RIBEIRO, 2004; GORGATTI et al, 2004) que um fator decisivo para o sucesso da inclusão em setores educacionais, é as atitudes, uma vez que elas estão diretamente ligadas ao comportamento.

De acordo com Beltrame e Ribeiro (2004) professores geralmente não se interessam em fazer cursos voltados para pessoas com deficiência, apesar de argumentarem faltar cursos preparatórios para tal.

No entanto muitos acadêmicos mostraram-se favorável ao ensino de alunos com deficiência, relatando que o mais importante é trabalhar as potencialidades dos alunos, ou seja, conhecer sobre a deficiência é muito importante, mas não conhecer não deve ser o empecilho de atuar, pois muitas das incapacidades que as pessoas com deficiência experimentam são resultantes das desvantagens dos aspectos criados pelo homem no ambiente físico, assim como pelos costumes, valores, atitudes e expectativas sociais.

Lopes (2007) afirma que mais que conhecimentos e experiências frente à pessoa com deficiência é preciso atitudes positivas, pois são as atitudes que levarão o professor a buscar formas de trabalhar com o aluno com deficiência ou não.

Segundo Omote (1998) o professor pode criar condições favoráveis para a aceitação do aluno com deficiência pelos colegas de classe, bem como favorecer o convívio cooperativo, solidário e produtivo na sala de aula.

Há claras evidências de que os professores favoráveis à inclusão de alunos com deficiência fazem uso mais freqüente de estratégias de ensino consideradas inclusivas, quando comparados aos menos favoráveis à inclusão (OMOTE, 1998).

Alguns acadêmicos apesar de mostrarem-se favorável a ensinar alunos com deficiência, apresentaram uma visão de ensino irreal, caracterizando mais um assistencialismo que um ensino.

O assistencialismo pode se apresentar de forma mascarada, muitas pessoas acreditam que estão praticando a inclusão e na verdade só estão dando assistência. Um exemplo disso é quando se evita chamar a atenção de uma pessoa com deficiência apenas por ela ser deficiente, ou quando se elogia o deficiente em demasia. Essas duas imagens, de acordo com Crespo (2004), se caracterizam de duas maneiras: o coitadinho e o super-herói.

O que verificamos nessas categorias que as atitudes em relação a ensinarem alunos com deficiência independente se o acadêmico cursou ou não a disciplina de educação física adaptada.

6. CONCLUSÃO

As entrevistas permitiram compreender que o conhecimento dos acadêmicos sobre a deficiência compreende como algo depreciativo, pois os que apresentam um conhecimento científico da deficiência foram aqueles que já cursaram a disciplina ou ainda estão cursando. Muitos dos acadêmicos não acreditam que a inclusão aconteça nas aulas de educação física, no entanto maioria acredita ser importante a inclusão para os alunos com deficiência. E outros acreditam que para inclusão dar certo é imprescindível capacitação para quem for atuar e que as escolas sejam adequadas para o recebimento desses alunos. Também foi possível por meio das análises que alguns acadêmicos acreditam ser impossível ensinarem alunos com deficiência ou consideram ainda que não possuam vocação para tal função. Muitos também apontaram que a falta de capacitação é um empecilho para o ensino de pessoas com deficiência.

No PROAMDE, podemos comparar que os acadêmicos para desenvolverem o processo de ensino-aprendizagem de formas distintas são necessário que eles conhecerem melhor a área estudada, como uma atividade livre que proporciona prazer para o professor/aluno.

Desta forma, são de suma importância à atitude e comportamento desses sujeitos, os profissionais que estão se especializando nesta área, para que cause maior ou menor influência no desempenho dos alunos, porém podemos citar que a experiência ou envolvimento desses acadêmicos nas aulas é, nesse contexto, é considerado um componente importante e necessário para o sucesso das crianças com deficiência e para o bem-estar dos mesmos, pois para eles está envolvido na aprendizagem do deficiente é desenvolvem uma atitude mais positivas com relação à “inclusão” e com relação a si mesmo tornando-se mais ativos na no seu meio social e melhorando seu relacionamento com os alunos e desenvolvendo o interesse de se especializar nesta área.

Esta pesquisa também destacou às atitudes dos acadêmicos em relação à inclusão por compreender que é uma condição muito relevante no meio ensino. As atitudes que auxilia a inclusão por parte dos acadêmicos e a sua capacitação e o enderece em usar com competência os recursos das atividades adaptas e com estratégias inclusivas não garantem a construção de educação inclusiva. Alguns

acadêmicos apesar de mostrarem-se favorável a ensinar alunos com deficiência, apresentaram uma visão de ensino irreal, caracterizando mais um assistencialismo que um ensino. O que verificamos nessas categorias que as atitudes em relação a ensinarem alunos com deficiência independente se o acadêmico cursou ou não a disciplina de educação física adaptada.

Contudo indicaram que para assegurar a execução da inclusão, visto que em algum momento da sua vida profissional poderá se deparar com pessoas com deficiência é necessário capacitação, e é através da sua aceitação que poderão programar-las com sucesso.

7. AGRADECIMENTOS

Quero, nestas curtas palavras, agradecer primeiramente a Deus, pela oportunidade recebida, por ter o privilégio em desenvolver este projeto científico (PIBIC, CNPq), e por me ajudar a traçar um percurso de seriedade e perseverança para com meus estudos, Obrigada Senhor Jesus;

Agradeço a minha mãe Maria do Carmo e a minha irmã Giulia Maria, pelo seu amor e compreensão;

Agradeço a professora doutora Kathya Lopes, que me orientou, por ter depositado a sua confiança, e entender e valorizar as minhas características (as quais eu acredito), também por todas as dicas, que sempre me oferece, me ajudando a ser uma pessoa melhor;

Agradeço a professora Lionela Correa, pela enorme colaboração na qualificação e pela disponibilidade em me ajudar na aplicação dos questionários.

Agradeço as minhas melhores amigas Salete e Auricelia, que soube compreender a minha ausência, obrigada por suas orações.

Em fim agradeço a todos que os me ajudaram a manter a alegria, a confiança, e acreditar que depois de um dia turbulento nasceria um dia de sol.

OBRIGADA!

8. REFERÊNCIAS

1. ALVES, Milton Ruiz. **Reflexões Sobre Atitude, Comportamento E Oftalmologia**. Rev. bras. Oftalmol. vol.67 no. 2 Rio de Janeiro Mar./Apr. 2008.
2. AVRAMIDIS, E.; NORWICH, B. **Atitude dos professores em relação à integração/inclusão: Uma revisão sobre vários estudos**. Vol. 17, nº2. Traduzido para português (não revisto) por Bruno Brito, 2002.
3. BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
4. BELTRAME, T.; RIBEIRO, T. **Atitudes de graduandos em educação física do CEFID em face da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais**. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 15, n. 2, p. 17-22, 2004.
5. BIRK, Márcia. **Do princípio da pesquisa qualitativa à coleta de dados: uma trajetória percorrida por todos os pesquisadores**. In: CAUDURO, Maria Teresa. *Investigação em educação física e esportes: um novo olhar pela pesquisa qualitativa*. Nova Hamburgo: Feevale, 2004.
6. BLOCK, M. **Why all students with disabilities should be included in Regular Physical Education**. *Palaestra*, v.10, n. 3, p. 17-24, 1994.
7. BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini, MARTURANO Edna Maria. **Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais**. *Estudos de Psicologia* 2002, 7(2), 227-235.
8. BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais**. Um desafio ao aconselhamento. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
9. CARMO, A. **Diversidade humana e educação**. In: *Dança Artística e Esportiva para Pessoas com Deficiência: Multiplicidade, complexidade maleabilidade corporal*/Eliana Lucia Ferreira (Org). - Juiz de Fora, MG: CBDCR, 2005.
10. COLLARES, Cecília Azevedo Lima. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. Campinas: Cortez, 1992.
11. CRESPO, A. M. M. **Pessoas com deficiência e a construção da cidadania**. Federação angolana das pessoas portadores de deficiência (FAPED), 2004 Disponível em: <http://www.fapedangola.org/temas/advocacia/advocacia.html>
12. EDITORIAL. **Curiosidade e descoberta; pensamento e experimentação: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC**. Rev. Bras. Saude Mater. Infant. vol.6 suppl.1 Recife May 2006.

13. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 78.
14. GLAT, R. **Integração dos portadores de deficiências: uma questão psicossocial**. Temas em Psicologia, 2, 89-94. 1995.
15. GOMES, C.; BARBOSA, A. **Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.12, n.1, p.85-100, 2006.
16. GORGATTI, M.G. et al. **Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência**. R. bras. Ci. e Mov. Brasília v. 12 n. 2 p. 63-68 junho 2004.
17. GRATTON, Chris e JONES, Ian. **Research methods for sport studies**. New York: Routledge, 2004.
18. LOPES, Kathya A. **Alunos com deficiência física em aulas regulares de educação física: prática viável ou não?**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
19. LUDKE, Menga e ANDRE, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
20. MARQUEZINE et al. **Capacitação de professores e profissionais para educação especial e suas concepções sobre inclusão**. Londrina: Eduel, 2003.
21. MARTINS, Joel e BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1994.
22. MOREIRA, W. **Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado**. R. bras. Ci. e Mov. 2005.
23. OLIVEIRA, M.; MIRANDA, A. **Inclusão escolar: concepções de professores de alunos deficientes mentais na educação regular**. *Revista Horizonte Científico - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas* v 1, n. 7, 2007. Disponível em: www.horizontecientifico.propp.ufu.br/include/getdoc.php?id=297&article=104&mode=pdf
24. OMOTE, S. **A integração do deficiente: um pseudo problema científico**. Temas em psicologia. 1998.
25. OMOTE, S. **Medidas de atitudes sociais em relação à inclusão**. Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília (SP), 2004
26. OMOTE, S. **Perspectivas para conexão de deficiência**. Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília (SP), 2004.

27. PALLA, A. **Atitudes de professores e estudantes de Educação Física em relação à proposta do ensino inclusivo**. Rio Claro: UNESP, 2001. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n1/71Resumos.pdf>.
28. SHERRIL, C. **Celebrating Individual Differences and Promoting Positive Attitudes**. IN: **Adapted Physical Activity, Recreation**. P. 23-42, 1993.
29. SILVA, Osni Oliveira Noberto da. **Vigotsky, inclusão e Educação Física: possibilidades de intervenção**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 137 - Octubre de 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 22/01/2011
30. SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte - n.2 - 1996.
31. SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte - n.2 - 1996.
32. TANAKA, O.; MELO C. **Avaliação de Programas de Saúde do adolescente - um modo de fazer**. São Paulo: Edusp, 2001.
33. TRIVIÑOS, Augusto N. S. **dialética e pesquisa em ciências sociais**. in. **A pesquisa qualitativa na Educação física**. 2. Porto Alegre: sulina, 2004.
34. VASH, Carolyn L. **Enfrentando a deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação**. São Paulo: Pioneira, 1988.
35. VYGOTSKI, L.S. **Obras escogidas**. Madrid. Visor, v.3, 1995.

ANEXOS

Anexo A: roteiro de entrevista com os acadêmicos de educação física.

- a) O que é deficiência?
- b) Fale de inclusão de pessoas com deficiência em aulas de educação física regular?
- c) Ensinar alunos com deficiências qual sua opinião sobre isso?

Anexo C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA – FEFF
PROGRAMA DE ATIVIDADES MOTORAS PARA DEFICIENTES -
PROAMDE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acadêmico

Convidamos o (a) senhor (a) para participar do Projeto de Pesquisa “**Estudo sobre atitudes dos acadêmicos de Educação Física em relação à inclusão de alunos com deficiência em aulas regulares de educação física**”, que será realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) endereço: Av. General Rodrigo Otávio, 3000 – Setor Sul – Campus Universitário – CEP: 69077-000, pelos pesquisadores: Kathya Augusta Thomé Lopes como pesquisadora responsável, e Andréia Almeida Maciel. O objetivo deste estudo é Desvelar atitudes dos acadêmicos de Educação Física da UFAM em relação à ensinar alunos com deficiência em aulas de educação física. A partir desse resultado podemos fazer referência a possíveis propostas de intervenção que condizem a percepção apresentada pelos dados, estabelecendo estratégias que favoreçam a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de educação física de forma efetiva.

Será realizada uma entrevista com em que o entrevistado dará sua opinião sobre o tema abordado, a entrevista será gravada para que não se perca nenhuma informação relatada pelo entrevistado.

Os critérios de inclusão: Ser acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas; aceitar participar da pesquisa

Critérios de exclusão: Acadêmicos que desistirem de participar da pesquisa; Acadêmicos que não assinarem o termo de livre esclarecimento.

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa. Também não há compensação financeira (dinheiro) relacionada à sua participação. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes. Para qualquer outra informação o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com o (a) pesquisador (a) Kathya Augusta Thomé Lopes pelo telefone (092) 8171-4482 ou pelo e-mail: klopes@ufam.edu.br

Fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nenhum dinheiro e posso sair quando eu quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada que vou guardar.

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Data _____/_____/_____

Anexo D: CRONOGRAMA.

Nº	Descrição	Ago 2010	Set	Out	No v	Dez	Jan 2011	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Ju I
	Revisão Bibliográfica	R											
	Identificação do universo da pesquisa	R											
	Estabelecimento da amostra	R											
	Elaboração das questões geradoras	R	R	R	R	R	R	R	R	R			
	Aplicação de entrevistas piloto		R	R	R	R	R	R	R	R	R		
	Reestruturação das questões geradoras		R	R	R	R							
	Aplicação dos instrumentos				R	R	R	R					
	Organização dos Dados				R	R	R	R	R	R			
	- Elaboração do Resumo e Relatório Final											R	
	- Preparação da Apresentação Final para o Congresso												R